



GT 1: EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA E LITERÁRIA

O ALUNO COMO HERÓI DE MIL FACES: UMA LEITURA DISCURSIVA DA FORMAÇÃO DE SUJEITOS NA APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Pedro Danilo Rocha de Oliveira Leão, Universidade Católica de Pernambuco(UNICAP)

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise discursiva da construção da posição-sujeito aprendiz no processo de aprendizagem de inglês, a partir da articulação entre a Análise do Discurso de linha francesa e a estrutura mítico-narrativa da jornada do herói, proposta por Joseph Campbell (2007). O objetivo é compreender como o aprendiz é interpelado por discursos pedagógicos, ideológicos e culturais, sendo posicionado como sujeito de sua própria travessia formativa. Fundamentado nos estudos de Pêcheux (1995; 2014), Orlandi (1996; 2005), Althusser (1985) e Barthes (1984) o trabalho examina os efeitos de sentido que emergem nas práticas escolares. A metodologia é de cunho qualitativo, com base em análise documental e interpretação discursiva. Conclui-se que o aprendiz pode ser compreendido como sujeito-herói, cujas posições discursivas são atravessadas por lutas simbólicas e por processos de ressignificação identitária.

Palavras-chave: sujeito; discurso; herói; aprendizagem; inglês.

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a formação discursiva da posição-sujeito aprendiz na aprendizagem de inglês, articulando a Análise do Discurso de linha francesa à narrativa mítica da jornada do herói. A pesquisa busca compreender o papel do discurso na construção identitária dos aprendizes na sua relação com a língua estrangeira, bem como nas possibilidades de ressignificação de sua posição ideologicamente pré-determinada ao longo da sua trajetória educacional. O objetivo é possibilitar uma releitura da posição do aprendiz de língua inglesa, tendo em vista o processo de apreensão do conhecimento, sendo protagonista de sua trajetória. Ao

articular com a trajetória do herói (Campbell, 2007), buscamos promover uma desnaturalização dessa posição-sujeito aprendiz, tradicionalmente passiva, com vistas a uma nova relação desse aprendiz com o conhecimento.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A Análise de Discurso de linha francesa, compreende o sujeito como efeito da linguagem e da ideologia (Pêcheux, 2014). O sujeito é moldado por formações ideológicas que determinam seus discursos (Pêcheux, 1995; Orlandi, 1996), com a escola, como aparelho ideológico de Estado (Althusser, 1985), posicionando-o por meio de discursos que associam o inglês a exclusão ou prestígio.

A escola, como espaço de disputa de significações (Courtine, 2009), impõe ao aluno sentidos contraditórios, incentivando-o a aprender inglês para "ter futuro", mas também estigmatizando a língua como "dos outros". Do estudo de Barthes (1984) depreende-se como o mito da língua estrangeira naturaliza relações de poder.

O aluno, inserido em condições de produção específicas no ambiente escolar, pode ressignificar sua relação com a língua, como o herói descrito por Campbell (2007), que enfrenta desafios e retorna transformado. Authier-Revuz (1998) e Orlandi (2005) ressaltam a heterogeneidade do discurso, em que cada enunciado carrega marcas de outros, tornando a aprendizagem de inglês uma reinscrição discursiva, que envolve aspectos sociais, políticos e simbólicos.

2 METODOLOGIA

A pesquisa, qualitativa e interpretativa, baseia-se na Análise do Discurso de linha francesa, com categorias analíticas de sujeito, enunciação, interdiscurso e formação discursiva (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2005). O *corpus* é composto pela obra *O herói de mil faces* (Campbell, 2007), analisando os efeitos de sentido gerados em torno da figura do herói e sua trajetória. O estudo busca compreender como o sujeito é constituído discursivamente e como os sentidos são atravessados por formações discursivas ideologicamente marcadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em cada sala de aula brasileira, especialmente nas periferias urbanas e zonas rurais, há um herói silencioso cuja jornada se inicia, quase sempre, sem que ele perceba: o aluno de inglês. Distante dos centros produtores de sentido da língua inglesa e inserido em formações discursivas que historicamente associam o inglês ao poder, ao prestígio e à exclusão, esse sujeito é interpelado por discursos contraditórios. Ele é, ao mesmo tempo, incentivado a aprender inglês para “ter futuro” e desencorajado por vozes que lhe dizem que “isso não é para você”.

Como diz Pêcheux (1995, p. 159), o sujeito não é o autor inteiramente livre do que diz, mas “há o processo de interpelação-identificação, que produz o sujeito no lugar deixado vazio”, isto é, ele é atravessado por formações ideológicas que determinam o que pode ser dito e pensado. Isso implica que o aluno entra na sala de aula marcado por sentidos externos, sendo influenciado por discursos que o constituem. Inicia sua trajetória no mundo conhecido, seu idioma, práticas sociais e experiências, com ecos do inglês em músicas e jogos, mas esses sentidos são fragmentados e muitas vezes excluídos. Como aponta Orlandi (1996, p. 45), “o sujeito se constitui por uma interpelação (...) ao mesmo tempo determinado por condições internas e autônomo”, ou seja, sentidos sedimentados condicionam interpretações. A escola, então, aparece como o “chamado à aventura”, um espaço para cruzar a fronteira entre o conhecido e o desconhecido.

Nesse percurso, o professor é um mediador que tensiona sentidos, que oferece possibilidades para que o aprendiz atravessasse os obstáculos ideológicos e simbólicos que marcam seu não-lugar no discurso dominante. É com a ajuda desse mediador que o herói começa a desconstruir o mito de que a língua inglesa pertence a “outros”. É nesse momento que ele se depara com os “guardas do limiar”: o medo do erro, o julgamento do outro, a vergonha de falar errado — todos eles efeitos de uma formação discursiva que inscreve o inglês como língua do outro, do superior, do estrangeiro.

Segundo Courtine (2009, p. 74), “o interdiscurso é o lugar no qual se constituem (...) os objetos de que esse sujeito enunciatador se apropria para deles fazer objetos de seu discurso”, e é exatamente nesse espaço que o aluno-herói trava seu combate. Ao atravessar esses desafios, o herói-aluno inicia uma transformação. Ele começa a significar o inglês de outra maneira. Deixa de vê-lo como símbolo de exclusão e passa a reinscrevê-lo em sua própria história, apropriando-se dele de forma singular. O inglês, agora, pode ser usado para fazer memes, para empreender, para jogar, para

sonhar. O herói começa a produzir sentidos novos — sentidos que não estavam previstos pelo discurso dominante.

Nessa perspectiva, o aprendiz, ao entrar em contato com a língua, não apenas assimila conteúdos, mas inscreve-se em novas posições-sujeito, reconfigurando sua própria história a partir dos sentidos que circulam.. Nesse jogo simbólico, a conquista do herói não é, necessariamente, dominar a gramática ou tirar boas notas, mas simbólica: deslocar seu lugar no discurso, resistindo e afirmando: “o inglês também é meu”. Ao retornar à sua comunidade — seja real ou virtual —, esse herói não é o mesmo. Ele se torna uma referência, um ponto de identificação para outros que, como ele, foram vistos como “incapazes”, mas agora podem se perceber como sujeitos do inglês.

Authier-Revuz (1998, p. 114) nos lembra que “a enunciação é pensada como lugar de uma inevitável heterogeneidade”, isto é, todo dizer carrega marcas de outros dizeres. Pensar o aluno como herói é, portanto, assumir que ele é constituído por múltiplas vozes, muitas vezes dissonantes, e que sua jornada é, ao mesmo tempo, interna e coletiva. Na Análise do Discurso, entendemos que o sujeito é atravessado por ideologias e só existe no discurso. Por isso, pensar o aluno como herói é reconhecer que sua luta não é apenas cognitiva — é simbólica, social, política. É disputa de sentidos. É (re)significação de si no mundo.

E nessa travessia, cada aluno que ousa habitar o inglês como lugar de fala, e não apenas de escuta, é um herói de mil faces, cuja jornada ecoa muito além da sala de aula. Como nos lembra Joseph Campbell (2007, p. 30), “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais”. Nesse contexto, o inglês não é apenas uma língua estrangeira a ser apreendida, mas uma travessia simbólica — um rito de passagem que permite ao sujeito reinventar a si mesmo no discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o aprendiz pode ser compreendido como sujeito-herói, atravessado por discursos, disputas simbólicas e ressignificações identitárias. A jornada do herói, lida como estrutura discursiva, revela o processo educacional como uma travessia de subjetivação. O estudo amplia a compreensão dos sentidos

atribuídos ao aluno e à aprendizagem de línguas, abrindo caminhos para futuras investigações sobre protagonismo estudantil.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas: as não coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BARTHES, R. Mitologias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.

CAMPBELL, J. O herói de mil faces. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2007

COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, E. P. Discurso e texto: formulação e circulação dos Sentidos. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 61–162.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.